

A relação da criança indígena em situação de acampamento no território*

*The relationship of indigenous children
in camping situation in the territory*

Wellington Luiz de Marchi**
Alvaro Banducci Júnior***

Resumo: Esse trabalho tem como objetivo um registro antropológico, por meio do recurso fotográfico das crianças Guarani e Kaiowá, que vivem em situação de acampamento na região sul do Estado de Mato Grosso do Sul, em sua relação com o território de ocupação coletiva. As áreas indígenas que foram pesquisadas são, especificamente: Laranjeira Nanderu, Curral do Arame (*Apykai*) e *Prakurity*. O cotidiano das crianças Guarani e Kaiowá que vivem fora de seus *tekoha*, foram registrados no contexto de suas moradias, da casa de reza, das áreas em comum e o deslocamento involuntário com o processo de readaptação aos espaços até então provisórios, provenientes de ordem judicial, que é experimentado e articulado pelas crianças da área Laranjeira Nanderu e do assentamento de beira de estrada, área Curral do Arame. O trabalho aqui apresentado tem como aspecto inovador e relevante a proposta de registro fotográfico do relacionamento da criança com o território, a partir do qual se produzirá a análise acerca da relação espaço e universo infantil em situação de acampamento indígena.

Palavras-chave: Antropologia visual; acampamento indígena; direitos humanos.

Abstract: This paper intend to do an anthropological record, through photography of children Guarani and Kaiowá, which are living in camp situation in the south of Mato Grosso do Sul, as well as their relationship with the territory of collective occupation. The indigenous areas that were surveyed are: Laranjeira Nanderu, Curral do Arame (*Apykai*) and *Prakurity*. The routine of children Guarani and Kaiowá which are living outside their *tekoha* were registered in their homes, prayer house, common areas and involuntary displacement. This last because the process of readjustment inside spaces until then are temporary, and experienced by the children and their articulation about court order in Laranjeira Nanderu and Curral do Arame.

* Produtos Alcançados: Apresentação de imagens na 29ª RBA - Natal/RN de 03 a 06 de Agosto de 2014. Concorrendo ao prêmio Pierre Verge.

** Aluno do Curso de Ciências Sociais da UFMS, Bolsista de Iniciação Científica CNPq – PIBIC 2013/14.

*** Professor da UFMS, Centro de ciências Humanas e Sociais. E-mail: banducci@uol.com.br

This paper has the innovative and notable propose of photographic record to child relationship with the territory registry, which will be used for the analysis of the relationship between infant universe and space in Indian camping sites.

Key words: visual Anthropology; camping sites; human rights.

1 Introdução

A vida dos povos Guarani e Kaiowá sempre esteve associada ao pertencimento à terra que ocupam por gerações, dando a esse pertencimento uma importância distinta daquelas válidas à sociedade nacional, chamando esses territórios de *tekoha*. Para Pereira (2004), *tekoha* seria o local onde vivem de acordo com sua organização social e cultural. Tal espaço, como expõe Chamorro, não pode ser visto como algo estático.

[...] Não se pode, pois, falar da terra guarani como um dado fixo e imutável; ela nasce, vive e morre como os próprios indígenas, que nela entram, a ocupam e a trabalham. A terra origina ciclos que não são simplesmente econômicos, mas sócio-políticos e religiosos [...]. (CHAMORRO, 2008, p. 42).

Sendo assim não podemos pura e simplesmente delimitar essas terras e torná-las engessadas, imutáveis, como foi feito com a constituição das reservas entre 1915 e 1928 pelo Serviço de Proteção ao Índio.

Embora assegurado o direito a essas terras, conforme o parágrafo primeiro do Artigo 231 da Constituição Brasileira de 1988, os indígenas do estado de Mato Grosso do Sul não vivem essas realidades pelo descumprimento da lei constitucional que deveria ser aplicado pela União. Assim, grande parte dos indígenas vivem em acampamentos provisórios em beira de estradas ou em pequenas faixas de terra à beira monoculturas latifundiárias. Esses acampamentos provisórios são áreas que hoje pertencem a latifúndios, mas outrora já foram espaços em que os Kaiowá e Guarani viveram por centenas de anos, e foram despejados em prol do aparente progresso da agricultura, sendo assim, mesmo que pertencente a latifúndios que os possui para produção de monocultura, esses espaços continuam sendo o *tekoha*. Dois desses acampamentos foram escolhidos para a realização deste trabalho: Laranjeira Nanderú, localizado no município de Rio Brilhante, MS, distante a 163 quilômetros de Campo Grande, MS; Curral do Arame (chamado hoje pelos indígenas de Apykaí) no município de Dourados, MS, distante a 228 quilômetros de Campo Grande, MS; e Pakurity no município de Dourados, distante a 236 quilômetros de Campo Grande, MS.

O presente trabalho, baseado nesse breve contexto, buscou através de registros fotográficos antropológicos, dar visibilidade às crianças indígenas que se deparam com a violação de seu *tekoha*. As imagens são interpretadas

com base em referencial antropológico, buscando relacionar o modo como ocorre a relação da criança indígena Guarani e Kaiowá com o território ao qual foram submetidas involuntariamente.

A fotografia é incorporada como um elemento do discurso antropológico, sendo parte integrante do texto, visando criar um diálogo entre a etnografia e a imagem propriamente dita. Vale ressaltar que o registro fotográfico de caráter antropológico é um recurso importante por possibilitar maior interação do pesquisador com o objeto de pesquisa, no caso, as crianças indígenas, e por ser uma forma de registro multi-interpretativo, dando margem a um vasto campo de interpretação sobre a temática e servindo como base para indagações que remetem a estudos posteriores (GODOLPHIM, 1995).

O registro fotográfico efetuado no contexto desta pesquisa aconteceu, durante todo o tempo, em territórios não pertencentes ao *tekoha*. Como tal, tanto as imagens como as leituras delas decorrentes buscam captar e interpretar o relacionamento das crianças com os novos espaços ocupados em função da perda do território original, enfatizando os comportamentos e os sentimentos gestados pelas crianças nesses novos contextos a que são submetidas. Dentre esses espaços, ressalta-se a moradia, a casa de rezas, a área em comum, os caminhos que ligam os espaços em que vivem e outros.

Este trabalho visa à produção, a divulgação e à disseminação de conhecimentos através da utilização da linguagem imagética no campo da antropologia (BARBOSA; CUNHA, 2006) e, como tal, pretende contribuir para o melhor entendimento da relação da criança com seu território e para uma maior reflexão sobre o que esses assentamentos involuntários podem lhes causar. Seu objetivo principal é apresentar uma coletânea de imagens que revele o sentido de viver em áreas de retomada na perspectiva da infância.

2 Material e métodos

O trabalho se iniciou com a pesquisa bibliográfica visando ao embasamento teórico, indispensável para realização do registro fotográfico e para o aporte metodológico do campo da antropologia. Em um segundo momento aconteceu a visita a campo, quando se efetuou a observação direta junto com o registro fotográfico, que se deu com equipamento profissional e pessoal. Tal procedimento ocorreu pautado em conhecimento técnico operacional e em premissas teóricas da antropologia visual.

Esses registros foram realizados em três acampamentos: Laranjeira Nãnderu que é um acampamento decorrente de ordem judicial localizado a 11 quilômetros do município de Rio Brillhante, MS, Curral do Arame (chamado agora de Apyka'í pelos indígenas) onde o acampamento formou-se às

margens da estrada BR-463, a 8 quilômetros do município de Dourados, MS, e Pakurity também formado às margens da rodovia BR-463, a 16 quilômetros do município de Dourados, MS, trazendo risco permanente aos indígenas que ali se encontram. Nas duas áreas foram realizados registros coletivos da relação entre as crianças e o novo território que habitam.

Como este projeto é parte de uma pesquisa mais ampla, da qual participam outros pesquisadores e alunos, o trabalho de campo se deu junto com os demais projetos a ela vinculados, estando condicionado ao calendário e aos recursos coletivos. A presença de outros pesquisadores permitiu, no entanto, o registro de sua interação com as crianças, da mesma forma que momentos particulares de seu cotidiano.

3 Resultados e discussão

A pesquisa resultou na produção de mais de uma centena de imagens e, desse total, foram selecionadas aquelas que melhor retratam a relação que as crianças mantêm com a terra. Da mesma forma, procura exprimir a maneira como o latifúndio, principalmente o da monocultura voltada exclusivamente para a produção agroindustrial, retira dessas crianças o seu direito à relação com a terra, com base nas premissas de sua própria cultura.

Pereira (2006, p. 72) afirma que o cenário político de Mato Grosso do Sul sempre foi marcado pela hegemonia dos grandes proprietários de terras. De acordo com ele:

Os próprios Kaiowá reconhecem que essas novas circunstâncias históricas tornaram, em grande medida, inviáveis as práticas que envolviam as figurações sociais de seus assentamentos tradicionais. Por outro lado, seguem se reconhecendo como Kaiowá e como praticantes de formas de sociabilidade particulares, diretamente relacionadas à sua própria formação social. (PEREIRA, 2006, p. 72).

Mesmo sem estarem em seus territórios tradicionais, os indígenas se reconhecem como um grupo com práticas culturais diferenciadas e buscam manter seus modos de vida. As fotos que seguem procuram esclarecer o modo como essas populações indígenas, e mais especificamente as crianças pertencentes a esses grupos, convivem com o novo espaço num contexto de negação dos territórios tradicionais.



Foto 1 – Monocultura de milho. Acampamento Curral do Arame, 22 de janeiro de 2014.

A imagem acima retrata a disparidade entre o espaço que restou aos indígenas e aquele dominado pela monocultura nas terras que reivindicam. Percebe-se um caminho de chão batido à beira de uma plantação de milharal. Esse caminho liga os barracos onde vivem os indígenas e delimita o espaço a que possuem acesso, onde de um lado está a monocultura e do outro uma estreita faixa de mata ciliar. O lado da monocultura, embora extenso e abundante, os acampados não podem ocupar, nem mesmo colher do farto milho. No outro lado, onde existe a pequena faixa de mata ciliar, é onde os indígenas tentam criar animais para consumo, como galinhas e patos, e onde podem retirar a única água disponível, que brota da terra formando um pequeno e barroso córrego. A cerca de 200 metros dali, passa a rodovia BR-463, que, mesmo sendo próxima ao assentamento, não tem disponibilizado um meio de transporte que possa levar e trazer as crianças para escola mais próxima, no município de Dourados, MS.

De um lado uma monocultura que os priva e os acua, do outro o caminho que poderia ser o caminho para a sua tão sonhada retomada *tekoha*, sendo um caminho de resistência e luta indígena frente ao desafio de enfrentar o latifúndio.

As crianças participam das retomadas e são consideradas pelos mais velhos como peça importante do processo, pois serão as mantenedoras das práticas culturais do grupo e também dão continuidade ao sonho de recupera-

ção das terras tradicionais e assim viver em paz na terra que já pertenceu aos seus ancestrais, mesmo possuindo tão pouca esperança diante de um futuro incerto e árduo para os indígenas do estado.



Foto 2 – Crianças em seu local de moradia. Acampamento Laranjeira Ñanderu, 18 de abril de 2014.

A imagem apresenta as crianças em seu local de moradia. O pátio, onde elas permanecem boa parte de seus dias, encontra-se tomado pela sujeira. Acontece que muitos moradores do acampamento Laranjeira Ñanderu trabalham em uma empresa de reciclagem ligada ao lixão no município de Rio Brillhante, MS, que fica a poucos quilômetros do acampamento. Assim os indígenas costumam levar alguns desses materiais encontrados na reciclagem para o acampamento para utilizá-los, tais como bancos, eletrônicos, recipientes de vidro e plástico, entre outros. O acúmulo dá-se também através dos próprios moradores do acampamento e, devido à inexistência de serviço público de coleta, acaba se aglutinando ao redor de suas moradias.

Outro elemento importante dessa imagem é a bicicleta, em primeiro plano, que é o principal meio de locomoção no assentamento. Por meio dela, percorrem os caminhos que ligam suas moradias, o acesso ao córrego próximo dali, onde lavam roupas e se banham, e, em muitos casos, suas idas e vindas até o município de Rio Brillhante.



Foto 3 – O compromisso com afazeres cotidianos. Acampamento Curral do Arame, 5 de março de 2014.

A imagem 3 mostra que as crianças participam da rotina de trabalho doméstico do acampamento, desenvolvendo a responsabilidade individual para o benefício coletivo. Essa prática para os indígenas se diferem da cultura ocidental, e esse auxílio no trabalho doméstico não é considerado trabalho infantil. As atividades, de forma comum, acabam se tornando a distração dessas crianças, devido ao espaço exíguo que o acampamento oferece. Note que esse espaço destoa da imagem número 2, onde o lixo é abundante; isso se dá devido ao fato de que, nesse acampamento, a ocupação dos adultos é a lavoura e não a reciclagem como em Laranjeira Ñanderú. Vale explicitar que as crianças pertencentes a esse acampamento (Curral do Arame), apesar de este estar próximo da cidade de Dourados, não possuem acesso à escola, diferente do acampamento Laranjeira Ñanderu.

Ainda nessa imagem, notam-se galões ao fundo, os quais são usados para armazenar a água para consumo sendo apenas fervida, e um pouco mais ao fundo brota do chão. Devido à monocultura que se localiza do outro lado, essa água chega até os indígenas cheia de agrotóxicos que são despejados na lavoura e penetram no lençol freático, e ainda, segundo os indígenas, a situação se agrava quando chove, fazendo brotar uma água branca que desemboca no pequeno córrego barrento.

Outro aspecto interessante da imagem são os pequenos patos e as galinhas entre a criança e os galões. Esses são animais que os indígenas tentam criar para subsistência, pois muitos morrem ainda pequenos devido ao veneno que é despejado de aviões sobre a monocultura e acaba atingindo não somente os animais, mas também causando problemas como vômito e diarreia nas crianças e principalmente em bebês. Essa prática de despejo de veneno por aviões é comum e também é uma realidade do acampamento Laranjeira Ñanderu e Pakurity.

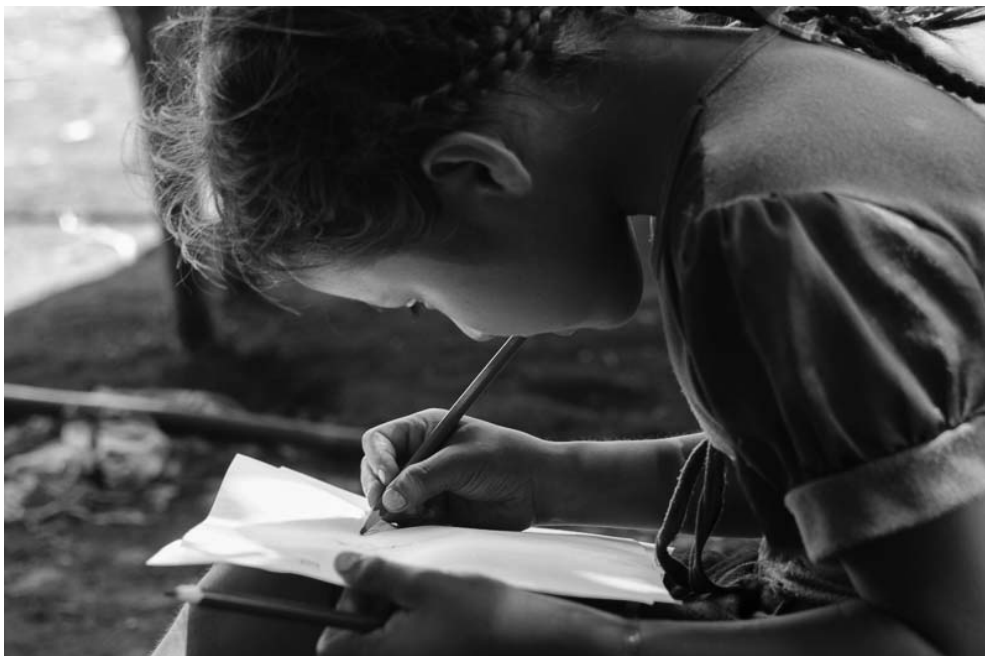


Foto 4 – A educação. Pakurity, 5 de março de 2014.

Essa imagem retrata a condição real em que vivem as crianças em relação ao processo educativo, sendo privadas de acesso a escola no caso do acampamento Pakurity (também o de Curral do Arame). Além de serem privadas do acesso a escola, encontram dificuldades ainda mais básicas, como local de estudo, como cadeiras, mesas e até material escolar. Especificamente nessa imagem, o lápis e papeis foram oferecidos por ocasião de uma dinâmica, pois estávamos em um grupo maior de pesquisadores, que realizaram uma atividade de desenho com as crianças através de uma atividade com lápis colorido, papel e tinta puderam alcançar seus objetivos de conhecer os gostos das crianças nos espaços que moram, bem como também mostrar o que não gostam. Note ainda que a imagem foi captada durante o dia, e só assim é possível realizar atividades como essa, pois os acampamentos pesquisados não

possuem nenhuma iluminação elétrica, de forma que improvisam algumas lâmpadas movidas a baterias de automóveis ou fogueiras.



Foto 5 – Um pulo-pula improvisado. Acampamento Pakurity, 18 de abril de 2014.



Foto 6 – Um pirulito e um sorriso. Acampamento Pakurity, 5 de março de 2014.



Foto 7 – O barro nos pés. Acampamento Curral do Arame, 19 de abril de 2014.

As imagens números 5, 6 e 7 compõem uma série, com um tema comum: o lazer, a recreação, o ser criança. O brincar está presente no cotidiano, mesmo sendo essas crianças privadas de direitos básicos.

A imagem número 5 mostra que a situação que vivem não os impede de brincar usando o que encontram no dia a dia do assentamento. Uma tábua velha de madeira compensada somada à imaginação se torna um pula-pula. Qualquer objeto que seja visto como potencial brinquedo, é imediatamente usado pelas crianças, seja uma bola rasgada, uma vassoura ou garrafas pet.

Já na imagem número 6, um pirulito, também distribuído através de uma dinâmica, traz à mente da criança a certeza de que não precisam de muito para sorrir. Uma bala, um chiclete, uma roupa, um brinquedo simples, um pirulito; itens comuns da cultura ocidental, mesmo que de forma reduzida, se tornam uma espécie de refrigerio para amenizar a batalha diária que as crianças enfrentam diante da situação de retomada de *tekoha*.

O barro nos pés da criança, conforme explicitado na imagem número 7, é uma realidade frequente nos assentamentos, basta uma chuva e o barro vermelho e argiloso se junta em camadas em seus pés. O barro para as crianças, por sua vez, acaba sendo mais uma forma de se divertir. O que seria um inconveniente acaba virando brincadeira.



Foto 8 – O pequeno guerreiro. Acampamento Curral do Arame, 5 de março de 2014.



Foto 9 – Crianças no ritual. Acampamento Laranjeira Ñanderú, 19 de abril de 2014.

As imagens 8 e 9 se referem aos rituais Guarani e Kaiowá. Esses rituais, segundo Mura (S.D.), são importantes para a organização do grupo indígenas por integrá-los. Dentre os ritos, alguns são destacados:

Entre os mais importantes figuram aqueles da consagração do milho e das plantas novas (*avatikyry*), como culto agrário, e, fora do período da colheita, também os *jeroky*, cerimônias estas prepostas em grande medida à manutenção do equilíbrio cósmico. Manter em equilíbrio o mundo para os Guarani significa criar os pressupostos éticos e morais positivos (*teko porã*) que possibilitem a manutenção de uma conduta sagrada (*teko marangatu*), expressada através das ações e atividades humanas, para que a terra (*yvy*) não sofra males, que em última instância poderiam vir a dar-lhe fim. (MURA, 2004, p. 110).

A imagem número 8 mostra que, ainda criança, os indígenas já estão inseridos no contexto de constante luta por seu *tekoha*. No dia em que essa imagem foi capturada, o acampamento estava tenso, devido à possibilidade real de serem expulsos por ordem judicial, conforme nos relatou Dona Damiana, moradora do acampamento. Assim os indígenas, com corpo pintado e com bastões em mãos, estavam atentos a qualquer movimentação fora do comum e prontos para lutar pelo seu espaço de terra e, conforme alguns relataram, só saíam dali mortos. Essa luta se arrasta por décadas e, mesmo hoje, é frequente em Mato Grosso do Sul. Através do ensino dos mais velhos as crianças

aprendem a lutar por seus direitos, através da resistência e persistência em ocupar as terras que outrora pertenceram a seu povo e hoje se concentram em latifúndios para produção de monoculturas.

Conforme a imagem número 9, os ritos são repletos de alegria, como visível no rosto das crianças, que junto com os adultos fizeram nesse dia uma surpreendente festa para a equipe de pesquisadores.

Logo atrás das pessoas da imagem 9, onde se projetam as sombras, está localizada a casa de reza. Uma enorme construção, feita por eles, utilizando folhas e madeira da mata que cerca o local onde estão assentados. A casa representa o coração do acampamento no caso de Laranjeira Ñanderú, pois ali são realizados todos rituais, as reuniões que acontecem ao redor e também é utilizado como moradia para uma família. Ainda necessitando um estudo mais profundo, especificamente a casa de reza, parece tornar-se uma posição política das retomadas de terra, pois ali são realizadas as decisões além das festividades e rituais.

O assentamento Laranjeira Ñanderu, apesar de ser privado também de direitos básicos como saneamento, energia e coleta de lixo, possui um espaço maior de terra e mata, proporcionando aos indígenas maior interação com ela, e assim, com sua forma de viver, pois, na cultura Kaiowá e Guarani, a terra não possui donos, não pertence a ninguém, assim, são os indígenas que pertencem a terra, segundo Mura (2004).



Foto 10 – Criança no trabalho duro. Acampamento Curral do Arame, 5 de março de 2014.

O trabalho está presente para além do ambiente doméstico. Nessa imagem, a criança auxilia no plantio para subsistência dos acampados. Na tentativa de prover algo para comer, os indígenas se organizam repartindo funções para plantar alimentos como: melancia, abóbora, quiabo, mandioca, entre outros; no entanto, antes mesmo que cresça os ramos, por constantes vezes, tratores da fazenda que ocupam, passam arrancando o que foi plantado pelos indígenas, o que, segundo Dona Damiana, moradora do acampamento, é uma forma de dificultar a permanência dos indígenas na terra reivindicada, pois, segundo os relatos, é uma forma de pressão aos indígenas, de forma que a violência não seja explicitada corporalmente, mas sim, dificulte a permanência na terra reivindicada. Mesmo com toda forma de dificuldade imposta pelo latifúndio aos indígenas, eles permanecem sem agredi-los fisicamente, tentando resolver esse impasse apenas replantando tudo novamente e tentando dialogar com os funcionários que operam as máquinas que retiram as plantações dos indígenas.

Esse plantio é realizado com instrumentos básicos de trabalho, como enxadas e facões, e se localizam próximo a suas moradias improvisadas, numa estreita área com cerca de 10 metros que se estende em forma de corredor por cerca de 150 metros.

4 Conclusões

Durante a preparação e a execução desse trabalho, pude perceber e compreender uma série de relações de certo modo ocultas para mim. Ser criança Kaiowá e Guarani no estado de Mato Grosso do Sul é uma condição penosa e persistente, assim como é perigosa e lenta a retomada e a busca pelo *tekoha*.

Compreender que a conquista do *tekoha* será também uma conquista e emancipação de todas essas crianças, em que elas não sejam pura e simplesmente subjugadas pela cultura ocidental capitalista, e sim possam ser parte integrante do bem viver nos futuros *tekoha*.

Esperamos que novos trabalhos venham a expor a situação dos diversos acampamentos no estado e que o poder público, por meio dessas publicações, sensibilize-se e olhe para essas populações com o direito que lhes cabe, afinal o que vimos durante essas breves idas a campo, foi uma negação total ao direito de ser criança. Em Laranjeira Nãnderú as crianças vivem em meio ao lixo, em casas improvisadas, sem saneamento básico, sem energia elétrica, com dificuldade para frequentar a escola. Elas improvisam também seus brinquedos e brincadeiras, sendo assim negado o direito ao lazer, ao existir e coexistir em um lugar que lhes pertença e traga a eles o sentido de pertencimento. De tal forma o assentamento Curral do Arame (Apyka'i) e Pakurity, que sofre

dos mesmos problemas, exceto o lixo esparramado, porém, com o agravante da ausência total da possibilidade de as crianças frequentarem uma escola e da constante tensão judicial do eminente despejo daquela pequena faixa de terra, que a qualquer momento pode ser expedido, e, de modo abrupto, ficarem sem local para morar.

Sintetizo minhas conclusões na forma proposta desta pesquisa para reflexão frente ao descaso do poder público e a omissão tão comum entre boa parte sociedade civil.



Foto 11 – Um futuro incerto. Acampamento Curral do Arame, 5 de março de 2014.

Fotos

Wellington Luiz de Marchi (Lelo Marchi – www.lelomarchi.com)

Referências

BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar T. da. *Antropologia e imagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

CHAMORRO, Graciela. *Terra madura. Yvy Araguayje: fundamento da palavra Guarani*. Dourados: EDUFGD, 2008.

GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. *Horizontes Antropológicos*, n. 2, jul./set. 1995.

MURA, Fábio. O tekoha como categoria histórica: elaborações culturais e estratégicas guarani na construção do território. *Fronteiras: Revista de História*, Dourados, MS, v. 8, n. 15, p. 109-143, 2004.

PEREIRA, Levi Marques. Módulos de assentamento Kaiowá atuais. *Tellus*, Campo Grande, MS, ano 6, n. 10, p. 69-82, abr. 2004.